

RESUMO - SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA

A PERMANÊNCIA DE PALAVRAS DA LÍNGUA MORTA NA FALA EM UMA VISÃO SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA E VARIACIONISTA.

Samara Hellenn Juvito Da Costa (samahellenn@gmail.com)

A língua pode ser considerada um dos melhores exemplos de manifestação social, uma vez que, a comunidade de uso a define ou reajusta, levando em consideração suas diversas mudanças e implicações sociais. Dentro da língua, as pessoas criam e utilizam diferentes tipos de linguagem em diferentes contextos sociais, mas com um ponto em comum: o processo comunicativo. Isto é, durante o processo comunicativo, os indivíduos participantes desenvolvem atividades de produção e compreensão da linguagem, estabelecendo relações como emissor - receptor, como também são influenciados por fatores externos. A respeito desses fatores externos, podem ser considerados os diferentes contextos sociais os quais uma língua sofre mudanças, sejam elas em nível oral, escrito ou até multissemiótico. Por exemplo, determinadas situações pedem o uso de determinados termos, bem como determinados termos geram a criação de novas linguagens e, conseqüentemente, a manutenção do processo comunicativo. Tendo em vista alguns contextos relacionados às modificações em uma língua, um dos mais contribuintes é o histórico, isto é, a língua sofre mudanças no decorrer da história e que refletem em seus principais campos de

manifestação: a oralidade e a escrita. Portanto, o objetivo deste trabalho é discutir os principais fatores que levam muitas pessoas a ainda utilizarem termos da língua morta brasileira após várias reformas em gramáticas e na língua. Essa “permanência” é evidenciada essencialmente na língua em uso (comunidades de fala) e é, na maioria das vezes, relacionada às influências de fatores sociais, tais como o grau de escolaridade, faixa etária, classe social de um indivíduo. Para isso, o trabalho discute os principais conceitos e aspectos evidenciados nos usos atuais de termos considerados pertencentes à uma língua morta (língua em desuso). A discussão é feita a partir do estudo da teoria sociolinguística variacionista de Labov (1968) na análise das variações linguísticas, com ressalvas a Weinrich e Herzog (1968) segundo Coelho, Görski May e Souza (2012), como também na linguística histórica de Faraco (2005) e suas principais contribuições para a permanência de palavras consideradas em desuso. Por fim, o trabalho apresenta como principais resultados, uma avaliação na presença de termos da língua morta brasileira, em especial na fala, relacionando com os principais fatores externos e sociais e que influenciam nisso: nível de escolaridade, faixa etária e classe social. Ademais, o trabalho apresenta a obra “Pequeno dicionário brasileiro da língua morta: palavras que sumiram do mapa” de Alberto Villas (2012) como exemplo da materialização de termos em desuso relacionando os limites e não limites entre fala, escrita e comunidade social, considerando esta como uma modificadora e/ou adepta dos termos linguísticos.

Palavras-chave: língua morta sociolinguística histórica sociolinguística variacionista língua em uso.